

O conceito epistemológico de passado para professores de História¹

The epistemological concept of past for History teachers

Rita de Cássia Gonçalves Pacheco dos Santos*
Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo Apresenta parte dos resultados da investigação de doutorado intitulada “A Significância do Passado para Professores de História”. Os sujeitos são dezessete professores de História de dez colégios de Ensino Médio em Curitiba – PR. Apresenta e categoriza as respostas dos professores sobre o conceito epistemológico de passado em grupos: passado estático, passado para criar empatia, passado como memória, passado para memorização, passado exemplar e passado para orientação. O suporte teórico de análise e investigação desenvolvido por Michael Oakeshott (2003), David Lowenthal (1989, 1998), Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b), Jacques Le Goff (1992), Peter Lee (2003) e Maria Auxiliadora Schmidt (2010). A categorização apresenta resultados que contribuem para a discussão da compreensão que o professor tem sobre a epistemologia da ciência de referência.

PALAVRAS-CHAVE: Passado; Memória; Empatia; Professores de História; Ensino médio.

Abstract It presents part of the doctoral research results entitled “The Past Meaning for History Teachers”. The research subjects are seventeen history teachers from ten high schools in Curitiba - PR. It presents and categorizes teachers’ answers on the epistemological concept of past in groups: static past, past to create empathy, past and memory, past to memorize, exemplary past and past for guidance. The theoretical basis of analysis and research was developed by Michael Oakeshott (2003), David Lowenthal (1989, 1998), Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b), Jacques Le Goff (1992), Peter Lee (2003) and Maria Auxiliadora Schmidt (2010). The categorization presents results which contribute to the understanding discussion that the teacher has on the epistemology of reference science.

KEYWORDS: Past; Mmemory; Empathy; History teachers; High school.

Considerações iniciais

O passado é objeto de investigação do historiador e do ensino da História e pode se afirmar que uma teoria da aprendizagem histórica passa por uma definição dos significados que o passado tem para a teoria da História.

As questões referentes à Didática da História suscitam discussões sobre os modos para desenvolvimento da aprendizagem, tendo como ponto de partida os pressupostos da epistemologia da História.

O passado só tem significado como orientação na vida prática, pois pressupõe uma terminalidade, já que está em algum lugar no tempo. Rüsen (2001, p. 162-163) afirma que “o homem faz um determinado uso da História, toma decisões que têm subjacente uma interpretação do passado histórico a que atribui um determinado sentido e que orientam a sua ação”. Ele classifica quatro tipos de orientação para a ação: a “consciência tradicional”, que se orienta pelo “passado dourado”; a “consciência exemplar”, pela qual o passado é fornecedor de lições e exemplos; a “consciência crítica”, que nega as orientações do passado, desconstruindo a História, e a “consciência genética”, pela qual a compreensão do passado serve para problematizar o presente e o futuro.

Rüsen (2001) também afirma que o passado tem sentido porque tem relação com o presente e a consciência histórica existe quando serve para dar orientações no tempo, com relação às mudanças no agir e no sofrer humano. Orientar-se no tempo se relaciona com a ideia de literacia histórica de Peter Lee (2006), que significa a capacidade de ler e entender o mundo (RÜSEN, 2006). Jörn Rüsen também afirma que existe a necessidade da construção por parte do sujeito de “quadros conceituais com o qual se discute e quantifica como o passado se torna significativamente presente” (SEIXAS, 2004, p. ?). Este entendimento do mundo auxilia a construção do significado dado ao passado.

As maneiras que dezessete professores de História², de dez colégios de Ensino Médio na cidade de Curitiba – PR, atuantes no quadro próprio do Magistério, compreendem o conceito de passado demonstram as variadas formas que esse passado pode ser apresentado para os alunos e auxiliar a desenvolver a consciência Histórica.

O conceito de passado é importante para a construção da epistemologia da ciência histórica e para a aprendizagem em História. Sendo assim, é pertinente questionar qual é o significado do passado para os professores de História, compreendidos enquanto sujeitos imersos na estrutura social em que vivem, tendo que responder aos imperativos sociais, mas sendo um agente que tem papel ativo nas mudanças ocorridas no seu cotidiano.

Pode-se pontuar que a Didática da História busca a compreensão de como se dá o conhecimento histórico e o desenvolvimento da consciência histórica. Os estudos se concentram atualmente em entender como o conhecimento histórico se realiza junto a sujeitos em processos de escolarização: os alunos e professores. Esse texto está centralizado no sujeito professor.

O professor, de maneira geral, e o professor de História estão inseridos na cultura escolar, cujo cotidiano, muitas vezes, está cercado de regras formais a serem obedecidas, como o currículo, as aulas com tempo pré-determinado, as contingências da vida escolar e, mesmo tendo que obedecer a imperativos legais, a maneira como o professor de História compreende a epistemologia de sua ciência e como percebe o passado o auxilia na constituição do conceito de História. Sendo assim, “constrói significado, interpreta, constrói seu mundo e atua de acordo com essa construção” (BLANCO NIETO, 1996, p. 45).

A importância do estudo das ideias dos professores pode ser entendida pelo fato de que os pensamentos deles orientam e dirigem sua prática profissional e que

[...] Estudar pensamento do professor é conhecer os processos de raciocínio que ocorrem na mente do mesmo durante sua atividade profissional [...] também é necessário lembrar que personalidade, crenças, teorias implícitas, formação recebida, as regras de ambiente influenciam as decisões docentes, e estes fatores são elementos centrais no processo educacional. (BLANCO NIETO, 1996, p. 47-48, tradução da autora).

Conceito epistemológico de passado

O passado está no presente e só a partir dele é que é cabível a aprendizagem histórica. Mas não podemos entender a aprendizagem da História somente como uma ida direcionada ao passado. O passado deve ser estudado a partir das evidências que esse mesmo apresenta no presente. Marx já afirmava que não é possível escolher o nascimento, mas se pode escolher o passado estudado (SCHMIDT, 2010).

Para dialogar com o passado e pensar historicamente, é necessário saber usar as ferramentas que os historiadores utilizam para recriá-lo. Segundo Schmidt (2010), isto significa dizer que é preciso saber encontrar e selecionar os fatos que são importantes para explicar o presente, conseguir organizar os fatos numa perspectiva temporal, mostrando como se sucedem, como fatos diferentes acontecem ao mesmo tempo no mesmo lugar e em lugares diferentes, como e por que ocorrem as mudanças, as permanências, as rupturas, aprender a ler, questionar e interpretar os documentos que “falam” sobre esses fatos e construir as próprias explicações sobre as relações entre o passado e o presente, a História de outros povos, outras pessoas, e a sua própria História. Isso constitui uma aprendizagem histórica situada na epistemologia da História.

Michael Oakeshott (2003) entende o passado de duas formas: o chamado passado prático e o passado histórico. O passado que ele denomina de prático pode ser manipulado pela ação humana com vistas à realização de objetivos vitais. O passado prático pode ser entendido como passado encapsulado, que é “o somatório de experiência e que mantém com ele uma relação que independe da rememoração, como na herança genética” (OAKESHOTT, 2003, p. 13). São memórias que são resgatadas inconscientemente, como um perfume, um cheiro, um sabor. O passado lembrado é considerado como memória involuntária e o passado consultado pode ser trazido à tona mediante um esforço deliberado como na psicanálise. A memória contém elementos do passado histórico. Ela não tem uma organização narrativa seguindo o fluxo

temporal, mas a partir da subjetividade de quem está narrando. A memória contém a História e a História contém a memória. Pode-se afirmar que o uso da memória tem um caráter muito menos intencional do que o da História (OAKESHOTT, 2003, p. 62). A memória foi considerada, neste estudo, como uma categoria para a análise nas falas do professor sobre o passado.

O trabalho com memórias é diferente do trabalho com fontes históricas que são transformadas em evidência, pois a memória, quando trabalhada na perspectiva da História Oral, não deve ser questionada, ela é um depoimento. Não se pode questionar a visão da memória, não se pode duvidar da memória. A memória não é falsa, ela é subjetiva. Assim, pode-se afirmar que a memória está dentro da ciência histórica e que a História também está contida na memória.

Oakeshott (2003) também afirma que nessa classificação de passado prático estão incluídos também os vestígios materiais do passado que servem para contemplação artística, para fins práticos da vida cotidiana ou para o conhecimento humano.

Já o passado histórico é o que permite o surgimento do ofício do historiador e a autonomia e especificidade da ciência histórica. O passado registrado é o que propicia toda investigação histórica, pois permite o acesso ao passado. Oakeshott (2003, p. 15) classifica o passado registrado como “o conjunto [de] objetos, que corresponderam no seu tempo a realizações humanas, e que, como tais, foram manifestações performativas de um presente-futuro passado de compromisso prático”.

Mas o passado registrado não é sinônimo imediato de passado histórico. Este passado deve ser inferido para se constituir enquanto ciência e, nesse sentido, os registros do passado são importantes para a construção da História.

O passado histórico exige um compromisso, um engajamento para seu entendimento. A relação com este passado pressupõe dois pontos iniciais: primeiro, a transformação do passado que está no presente em evidência e, segundo, a diferenciação entre História e memória. A História tem um jeito próprio de produzir conhecimento tendo caráter coletivo e sendo produzida e compartilhada coletivamente. Ela é uma premissa, não existe um método para a lembrança, que é construída pela subjetividade individual. Existe a necessidade de transformar o passado registrado, como entendido por Oakeshott (2003), em evidência.

Para David Lowenthal (1989), o historiador deve ir ao passado para fazê-lo existir enquanto História em um esforço consciente e intencional para conhecer o passado que deve ser visto como passado no presente, ou parte do presente, embora não seja igual a ele. Podemos ir ao passado a partir da memória, das relíquias e da História, mas o passado deve ser tratado como um lugar estranho, onde se realizavam coisas de modo diferente porque o que conhecemos como passado foi um presente em algum outro momento (LOWENTHAL, 1998).

Para este autor, a ciência histórica pode ser considerada mais que o passado porque é a interpretação do mesmo. A História não pode existir sem a compreensão deste conceito, que influencia tanto os conceitos de professores quanto os materiais culturais relacionados à cultura escolar, como os livros didáticos (SCHMIDT, 2010b).

Podemos ir ao passado, para Lowenthal (1989), a partir da memória, das relíquias e da História, mas o passado deve ser tratado como um lugar estranho, onde se realizavam coisas de modo diferente porque o que conhecemos como passado foi um presente em algum outro momento. “El pasado en si mismo se ha ido; todo lo que sobrevive son sus residuos materiales y los relatos de aquéllos que lo experimentaron” (LOWENTHAL, 1998, p. 15). Koselleck (2006, p. 13) afirma que “as fontes do passado são capazes de nos dar notícia imediata sobre fatos e ideias, sobre planos e acontecimentos, mas não sobre o tempo histórico em si”.

Se os historiadores trabalham com restos, ruínas, fragmentos do passado, é parte do processo da aprendizagem histórica identificar, lidar e restaurar o passado neles presente. A ida ao passado pode ser considerada a partir da perspectiva apresentada por Rüsen (2001), de que o importante não é aprender somente o conteúdo da História, mas saber como ocorre o processo de sua construção.

As categorias foram construídas tendo como ponto de partida as informações trazidas pela análise das entrevistas realizadas durante o processo da pesquisa³. Jacques Le Goff (1992) auxiliou a construção da categoria relacionada à memória e a memorização, Peter Lee (2003) e Maria Auxiliadora Schmidt (2010) auxiliaram na elaboração da categoria de empatia com o passado. E as ideias da consciência histórica de Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b, 2010) auxiliaram o desenvolvimento da categorização do passado exemplar e histórico.

Passado estático

Essa categoria foi considerada porque a relação entre o passado e o presente deve ser importante para o historiador. O professor de História acredita que o passado está lá somente para mostrar sua importância sem contextualização; é um dado *a priori*, foi a ideia encontrada somente nas falas da professora Andreia, do professor Geraldo e em algumas afirmações da professora Bianca.

A professora Andreia afirma que o conceito de passado é importante e que o entendimento do presente não ocorre sem ele. O “passado, dentro da minha disciplina, ele é tudo. Não tem como eu entender o presente da História sem entender o passado”. A ideia que professora Andreia demonstra é a ideia tradicional de que o estudo da História é o estudo do tempo passado, conceito clássico do século XIX.

Para a professora Bianca, o passado é estático e imutável, pois “a hora que você chegou já é passado. Para mim, tudo o que eu estou falando agora daqui a pouco vai se tornar passado, sabe?”. Ela também dá exemplos de trabalhos desenvolvidos sobre o passado. Os exemplos dados estão relacionados ao Egito Antigo, também citado pela professora Andreia, e ao suicídio de Getúlio Vargas. Saber sobre o passado significa uma visita a um lugar diferente, que não é passível de discussão. Ele está dado, é estático e imutável. A vivência do passado é dada através da visita a esse passado que está pronto e somente deve ser observado. Mesmo a visita ao museu não é contextualizada, ela ocorre para que o aluno possa visualizar o passado que está lá, não tem relação com o presente. A professora Bianca não reconhece o papel do historiador na

construção do passado. O acesso ao passado ocorre através da observação do passado que está imobilizado, passível de observação e não de análise. Ele está pronto e acabado, restando ao professor somente resgatá-lo sem discussões.

Para o professor Geraldo, narrar a História é contar o que aconteceu, o passado está imóvel e ao ser trazido para a sala de aula, através de sua narrativa, não pode ser debatido ou discutido. “Mas eu acho que quando eu trabalho, normalmente a História você a conta. Eu costumo falar Histórias para os meus alunos”. O conhecimento do passado não é debatido, ele é apresentado como pronto e acabado, bastando ser explicado de maneira que o aluno tenha fácil percepção de sua existência. Ele diz que “depois de falada [a História], dependendo do conteúdo, você pode fazer uma demonstração visual”.

Para os professores que apresentaram concepções estáticas sobre o passado, o conhecimento está dado e deve ser somente observado. O tempo passado é uma instância que está no passado e não possui relação com o presente.

Passado para criar empatia

A categoria do passado para criar empatia foi desenvolvida tendo como referencial teórico as pesquisas desenvolvidas por Peter Lee (2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2011), Peter Lee e Rosalyn Ashby (2000) e Schmidt (2010).

Os professores entendem que os vestígios como evidência do passado são facilitadores da construção de um sentimento de empatia com o mesmo e facilitadores da aprendizagem. Os professores atribuem significados ao passado, avaliam os vestígios e, ao conceituar mudanças, julgam progresso e utilizam o conceito de empatia. Para Peter Seixas, sem o emprego da empatia, julgamento moral e ideias dos agentes humanos “não podemos dar sentido às nossas vidas” (SEIXAS, 1998, p. 778).

Segundo o professor Bernardo, os vestígios do passado auxiliam a aprendizagem histórica,

[...] porque se está relacionado com fontes históricas, com objetos do passado vai automaticamente ajudar. [...] Quando se estuda, por exemplo, renascimento, você vai usar muito a iconografia, tanto a questão das artes plásticas, [...] vai, automaticamente, pegar fontes daquela época, vai usar vários objetos [...] quando se analisa uma iconografia você vai relacionar com a pintura.

A professora Bianca dá o exemplo da visita ao museu que possibilita uma relação de empatia com o conhecimento apresentado no currículo escolar, “se você vai trabalhar Egito antigo, leva as crianças em um museu, o Rosa Cruz, que é bem variado, eles ajudam a criança a ver um vaso canopo, a própria múmia”. E esse contato com os vestígios do passado reunidos no museu propicia que seja possível que se “vivencie um pouco do passado”, afirma ela.

O professor Cleber usa os objetos do passado como facilitadores da aprendizagem, procurando relacionar os objetos produzidos num passado próximo com

questões relacionadas ao passado mais distante. Ele também procura atrair o interesse para o estudo do passado buscando o resgate da sua própria História “Eu uso esse passado, tanto o meu como da própria História, porque acontece isso. Eu uso a minha História”. A empatia é desenvolvida através de uma relação entre a História pessoal do professor e a História que ele ensina em sua disciplina.

A questão do resgate positivo do passado como forma de torná-lo atraente foi percebida em diversas falas dos professores. O passado resgatado por esses professores tem uma característica de evolução. Aprender sobre o passado de maneira a estabelecer a compreensão dos fatos históricos de maneira positiva e que evite o que pode ser considerado negativo ou nocivo, com o intuito de não repetir os erros cometidos.

A professora Eliane faz a relação entre os objetos e o passado histórico e que esses objetos podem ser utilizados para uma relação positiva com o passado,

[...] Tudo tem uma explicação, todo objeto, todo documento, todas as fontes históricas falam muita coisa de um passado histórico, de costumes, de experiências. [...] Uma reportagem, um documento. Um documento de um aluno, por exemplo. Traz um documento para sala de aula, um registro, fotos, utensílios, roupas. Acho que tudo lembra. Tudo tem uma explicação. Tudo isso dá para ser utilizado.

O desenvolvimento de um sentimento de empatia com o passado pode ser visto através do relato da professora Eva, quando ela conta sobre o interesse pelo passado que foi mobilizado a partir da eleição do candidato Luis Inácio Lula da Silva, em 2002,

[...] Desperta a curiosidade no aluno [...] houve a eleição do Lula, quando ele foi eleito a primeira vez, eu me lembro que eu dei umas aulas de História maravilhosas por que a sala ficou num entendimento, num silêncio e conseguiram compreender por que do povo brasileiro eleger (sic) um candidato ‘analfabeto’ representante do povoão.

Essa relação de empatia com o passado, de acordo com Peter Lee, não é a partilha de sentimentos, embora o autor reconheça que a compreensão histórica envolva sentimentos:

[...] mas a nossa compreensão histórica vem da forma como sabemos como as pessoas viram as coisas, sabendo o que tentaram fazer, sabendo que sentiram os sentimentos apropriados àquela situação, sem nós próprios as sentirmos. (LEE, 2003, p. 21).

A professora Gabriela mostra também que os vestígios são utilizados por ela para criar empatia com o passado e servir de facilitadores,

[...] se eu estou trabalhando, por exemplo, uma guerra e aqui, em Curitiba, tem um espaço onde eu possa ver esses objetos, como o Museu do Expedicionário, nós vamos e eles fotografam tudo o que veem e, depois, a gente está aqui na sala, porque, às vezes, lá você não consegue explicar tudo o que viram. O aluno registra os objetos que mais chamaram a atenção e aqui a gente discute em que momento ele foi utilizado, como foi.

O professor Geraldo também afirma que os vestígios do passado são importantes para criar uma ligação entre o passado que se quer ensinar e o interesse da aprendizagem,

[...] porque eu posso falar sobre ele e demonstrar. [...] Aqui no nosso colégio, por exemplo, tem muitas coisas que você pode usar como exemplo, demonstrar [...] dependendo do assunto que está trabalhando [...] você pode falar sobre. Nós como estamos em um prédio bastante antigo, ele é bastante diferenciado dos que são feitos hoje. Construção, arquitetura é um exemplo que nós temos aqui.

Para o professor Geraldo, o passado deve ser utilizado na perspectiva de Cícero e a ideia da *História* como *Magistra Vitae*. A História deve ser compreendida para servir de caminho para a tomada de decisões, segundo ele, “é um exemplo inclusive na vida pessoal. Quando você está diante de alguma situação que precisa ser resolvida, se você tem o exemplo de um fato acontecido semelhante [...] é mais fácil para encontrar o caminho”.

Para o professor Gustavo, “objetos tem importância, [...] quando a gente estabelece uma relação direta e pessoal com eles”. A tentativa de estabelecer uma “relação direta e pessoal”, afirmada pelo professor Gustavo, traz novamente à tona a questão de construir o significado do passado por uma via da empatia. Ele exemplifica porque existe a necessidade de desenvolver empatia com o passado, pois o passado continua no presente e somente se existir a percepção de sua importância é possível desenvolver a aprendizagem histórica, “... muito daquilo que aconteceu durante os últimos dez anos continua presente na própria vida deles [os alunos], na própria relação com a família, na própria relação que eles vivenciam no dia a dia, no trabalho, na música, na arte”.

Esse “se colocar no lugar do outro”, discutido por Peter Lee, passa por ter essa disposição de tratar as pessoas no passado honestamente, reconhecendo o motivo porque o fizeram (LEE, 2003, p. 21) e isso fica claro na fala do professor Gustavo:

[...] a gente fica imaginando como é que um ser primitivo conseguiu pensar em fazer uma ponta de lança, polir uma pedra para esmagar grãos, para triturar, saber que podia utilizar um pedaço de madeira com uma fibra de cipó qualquer para fazer, para lançar dardos, para ter maior força para abater um animal, uma presa.

Dar significado ao passado é importante para o professor Gustavo, pois, em sua opinião, o conhecimento do passado “para os alunos de hoje é uma coisa sem sentido para eles”. Esse significado do passado pode ser alcançado através do estabelecimento de uma relação de empatia com o passado. A relação com o conhecimento sobre o passado pode ser desenvolvida com esse sentimento de aproximação positiva com o passado mostrando o diferente.

O professor Iran explica que estabelecer uma relação de empatia com o passado é fator que se configura como necessário para que o estudo do passado se torne significativo e utiliza um exemplo pessoal:

[...] porque dizer para ele [aluno] que a gente brincava de mãe da lata, brincava de passar anel, brincava com pneu velho, com uma vara de bambu, um ganchinho para empurrar uma rodinha, carrinho de rolimã, [o aluno] se matava de rir, porque, a diversão hoje é o computador. [...] então quando o aluno comunga não só o passado da História, mas o passado da História de alguém que está próximo a ele, começa a pensar também no próprio passado.

A professora Katia também demonstra que o passado deve estabelecer uma relação positiva com o presente para facilitar a aprendizagem, e dá como exemplo a situação da família. Ao exemplificar as mudanças sociais que ocorreram na composição familiar, busca trazer a realidade atual para que seja possível desenvolver pensamentos acerca das modificações e permanências do passado.

Já o professor Keirrisson observa que é possível estabelecer uma relação empática com o passado através de variadas maneiras, porque “existe várias maneiras, [...] escutando, lendo, escrevendo e também vendo, enxergando [...], porque assim eles passam a ter o contato direto com o passado”.

O professor Lauro pensa que a História de vida pode auxiliar no estudo da História, pois, é capaz de provocar o sentimento de pertencimento e de empatia com o passado e auxiliar a pensar sobre a ciência histórica. Ele dá um exemplo relacionado a uma atividade que proporcionou a aproximação do passado através da empatia,

[...] Eu sempre busco com a família o que eles faziam. Os brinquedos que os avós utilizavam. [...] Eles revivem a infância da avó e a criança também, a neta conseguiu perceber, ‘nossa, olha só com o que eles se divertiam e tudo mais’.

A visualização dos objetos do passado provoca empatia e isso também pode ser percebido na fala do professor Lauro. O passado se torna cognoscível através da observação dos objetos do passado que se encontram nos museus e o conhecimento do passado passa a ser possível através da relação empática desenvolvida com esses objetos presentes no ambiente de museu

Peter Lee afirma que os sujeitos, ao compreenderem “ações e práticas sociais [...] devem ser capazes de considerar [...] as ligações entre intenções, circunstâncias e ações” (LEE, 2003, p. 20). Os professores buscam entender e explicar a sua ida ao passado de maneira a considerá-lo passível de entendimento, mas não ainda de uma maneira histórica e sim como bem disposição com o passado.

Passado como memória

Estevão de Rezende Martins (2010) discute o papel da memória para a consciência histórica e para a resolução das carências de orientação

[...] A memória enraizada está incluída no que se convencionou chamar de consciência histórica. Nessa consciência estão reunidos os elementos conformadores da identidade, com os quais o indivíduo

elabora e estrutura o tempo da experiência vivida em tempo refletido, como História. (MARTINS, 2010, p. 49).

A memória para a professora Andreia é um fator importante e necessário para a História, para o entendimento do passado, “eu preciso da memória, faz parte da evolução da História, pra você entender passado. Precisa buscar essa memória no passado”. Ela faz a relação entre o conhecimento através da memória com a questão da evolução, o que pode ser observado nos resultados de estudos de Barton (1998, 2001), pois o estudo dos fatos passados mostra o caráter de evolução da sociedade e a tendência é entender o passado como um mundo incompleto que deu origem ao mundo atual, mas que tem carências e defeitos superáveis através desse caráter evolucionário em que a História é entendida.

Quando a professora Andreia faz referência ao resgate da memória ela não mostra utilizar a epistemologia da História para pensar sobre como a memória é construída nem como está difundida. Ela faz asserções sobre esse conceito relacionando memória com lugares onde pode ser observada. Ela exemplifica onde pode ser encontrada da memória. “O resgate da memória, no museu, o Museu Paranaense”. Também faz referência ao resgate do passado, mas de um passado recente, pois apesar de afirmar ser necessário buscar o passado e sua evolução, o exemplo que ela apresenta está relacionado ao passado recente “o Museu Paranaense como resgate da memória, mas dentro da História do Paraná. [...] na parte da História do Paraná”. O resgate da memória é possível de uma forma que apresente o passado próximo.

A memória não faz parte do pensamento do historiador cujas regras são estabelecidas epistemologicamente. O lugar da memória dado por ela como exemplo, o Museu Paranaense, está lá, não é discutido nem sob o aspecto de sua criação, utilidade e funções que podem ter para o ensino e aprendizagem em História.

Memória, lembrança e passado estão dentro do mesmo contexto de entendimento e, para o professor Bernardo, o seu resgate é automático. “De certa forma sim, porque automaticamente se associa lembrança a alguma coisa que aconteceu antes, aí quase que automaticamente, passado”. Essa ideia de memória enquanto lembrança mostra semelhanças com a ideia de Oakeshott de passado prático. Ao associar a memória com algo que aconteceu anteriormente, o professor Bernardo tampouco mostra que o trabalho com a memória exige um estudo epistemológico, pois, ao afirmar que essa relação é automática, ele não leva em consideração o trabalho de seleção que é realizado, nem tampouco que a ideia de lembrança tem como outro lado a questão do esquecimento, em uma relação de seletividade apresentada por Fourquin (1993).

Para a professora Bianca, a memória tem um caráter pragmático, pois é pelo resgate da memória que melhorias podem ser efetuadas. Da mesma forma, o professor Cleber faz a relação entre passado – lembrança – memória. O objetivo da memória é pragmático também, e esse pragmatismo fica claro na sua afirmação “porque se nós não buscarmos a memória, o conhecimento, esta memória, esta lembrança do passado, como nós vamos entender o presente?”. Ao afirmar que a memória apresenta um caráter prático, tem um objetivo definido que é entender o que ocorreu no passado para a compreensão do presente, ele aproxima sua fala com as ideias apresentadas por Oake-

shott (2003), em que o conhecimento do passado vem através de um esforço pessoal, não histórico, não epistemológico, mas de caráter pessoal.

O conhecimento da memória é um conhecimento fechado, e a sistematização desse conhecimento não é colocada em questão. Ao afirmar a necessidade de “pegar” a memória e sistematizar o significado dado a ela, isso pressupõe que a memória, para a professora Eliane, é também um conhecimento fechado que não é passível de construção, é dado *a priori*. Na sua fala relacionada a memória, ela afirma a necessidade do trabalho da memória histórica, o resgate do passado elaborado por uma sociedade para dar significado a acontecimentos que fazem parte do seu passado.

“Não ficar só naquela memória, por memorizar, por lembrar de um fato.” Para a professora Eliane, memória não é sinônimo de memorização, de lembrança pura e simples. “Mas pegar essa, esse fato histórico, essa memória e associar com a História científica mesmo”. Para a professora Eliane, História e Memória são duas coisas diferentes, apesar de afirmar que é importante o trabalho com o que ela chamou de memória histórica.

De acordo com Lowenthal (1989), a História necessita da memória, mas elas não são sinônimos. A memória não pode ser considerada como sendo histórica, pois o esforço consciente do Historiador é o responsável por transformá-la em ciência. A professora Eliane até considera o papel do historiador no resgate da memória, mas não explicita a necessidade do método histórico para fazê-lo.

A professora Gabriela, ao falar da memória, registra a importância dela para o resgate do passado. “Se você não tem memória, como é que você vai registrar o passado?”. Ela faz a associação da memória individual como depositária do conhecimento social, mas a memória para ser considerada tem que estar registrada através da escrita

[...] as memórias de todos os que viveram episódios que foram importantes para nós têm que ser levadas em consideração, tem que ser escutadas e as memórias elas podem ser passadas oralmente, por escrito, porque muitos acreditam que só valem aquelas memórias que foram escritas, só essas que tem importância, e deixamos tantas outras passar...

O professor Gabriel considera a memória um instrumento para o ensino aprendizagem, a memória está relacionada ao aspecto social e ligada a História de vida das famílias, mas acredita ser mais fácil a discussão desse conceito com o Ensino Fundamental, “porque eu até acho que é mais fácil [pensar] a questão da memória mais com o Fundamental, acho mais tranquilo”.

Para o professor Geraldo, o trabalho com a memória permite alcançar o passado que está presente no presente, ideia do pesquisador Jörn Rüsen (2001),

[...] Eu acredito que sim, porque, por exemplo, o passado que você vive no presente é através dos registros na memória. [...] Quando você trabalha, por exemplo, o registro e a memória. E é um conteúdo histórico que pode ser trabalhado, aí você vai exemplificar o que foi registrado através do que eu consigo me lembrar desse registro? Através da memória, aquilo que eu gravei.

Para a professora Helena, a memória está associada à lembrança, pois, para que o ensino se torne efetivo, é necessário que o passado a ser estudado seja um passado que está presente na lembrança para ser significativo. A memória pode ser utilizada para resgatar o passado próximo, no caso da professora Helena, a História da cidade. A memória

[...] é parte do passado. [...] Por exemplo, a gente pode pensar em Curitiba, na questão da memória da cidade. Quais pontos existem em Curitiba, ele está destacando sobre o que, está valorizando o que? Que praças, monumentos? Tudo em Curitiba. Monumentos que a gente pode se referir [...] Eu acho que é memória.

Segundo a professora Joaquina, ao trabalhar com a memória, a validação do conhecimento não é dada pelas regras do conhecimento histórico e sim pelas informações trazidas pelos entrevistados. A memória não utiliza as regras da epistemologia da História ou com as regras da construção históricas. Esta ideia também se aproxima do conceito de passado prático de Oakeshott (2003).

Para o professor Keirrisson, a memória deve buscar conhecer o passado, para responder questões de cunho patrimonial e responder a necessidades que não são históricas, apesar dele fazer referência a memória histórica. A memória deve ser pensada para entender questões relacionadas a preservação do passado. Mas ele não associa essa preservação com aspectos ligados ao desenvolvimento do pensamento histórico.

O professor Lauro associa o resgate da memória como importante para criar o interesse na História. Ele afirma que a utilização da memória familiar constrói uma relação de importância com o passado e o sujeito. Dessa forma, a memória familiar é privilegiada e a História de vida pode ser utilizada como ponto de partida para a explicação de determinados fatos históricos e da realidade que existe na comunidade onde a escola está inserida.

Assim, no estudo da História, o professor Lauro pensa a memória como facilitadora para explicar a realidade e desenvolver conceitos históricos. A memória é resgatada para auxiliar o trabalho com a disciplina História, “mas eu tento sempre buscar essa memória [...] Pra tentar instigar o estudo da História. Para perceber o quanto é importante ir buscar lá a História das coisas”.

Para o professor Gustavo, “História é memória com certeza. Você não pode dissociar a História da memória. Tanto para o passado como para o presente”. Ao dizer que a História é memória, sua afirmação se aproxima das questões relacionadas ao passado prático de Oakeshott (2003), que entende a memória como um componente do passado.

Passado como memorização

O professor Iran faz, em um primeiro momento, a diferenciação entre memória e memorização, chamada por ele “como capacidade de estudo”. Mas, ao explicar o que significa os dois conceitos, associa memória à ideia de memorização. Ele se coloca da mesma forma como o detentor do saber, pois não afirma em nenhum momento

que o aluno pode desenvolver o conhecimento e sim que o aluno apreende informações após ouvir a narrativa do passado. E a partir do conhecimento da narrativa pode acessar informações e tomar decisões,

[...] A memória geralmente guarda aquilo que nos mais diz respeito, então de tudo aquilo que eu passo para o aluno sobre o passado, alguma coisa fica, e essa alguma coisa tem um significado para ele, e isso é bom. São essas pequenas memórias é que vão ajudá-lo a refletir o passado.

A característica da memorização fica clara quando ele explica como é possível acessar ao que ele chama de memória após ir a um museu. “Alguma coisa a gente ali grava, quando você lê um texto do renascimento, o modo de vida, alguma coisa guarda, vai dar um significado alguma coisa e a memória é fundamental”.

Para ele, memória é memorização, pois o aluno resgata “a memória histórica, como capacidade de armazenamento e também como referenciais que ele vai selecionando para construir a própria História”.

O professor Gustavo faz a associação entre memória e memorização, pois, em sua fala, “História é memória. Não tem como você dissociar memória de História. A memorização é fundamental para História”. Ele apresenta a memorização como um ato importante para a História. Você somente vai conseguir pensar historicamente, utilizar a memorização para “armazenar [...] conhecimento”.

Ele afirma que mesmo o conhecimento que acredita ter impacto vai ser memorizado por algum tempo e vai ser a necessidade da lembrança que vai trazer a memória novamente à tona, mas somente se a informação tiver sido memorizada.

[...] A memória recente ela vai sendo apagada com o tempo, mas vai permanecer em algum lugar. Para você acessar novamente, você vai ter que ter um outro impacto relativo àquele fato para trazer para o presente outra vez.

Para a professora Bianca, a memorização também tem um caráter pragmático e é pelo resgate da memória que melhorias podem ser efetuadas. Novamente, nessa fala, aparece a questão da evolução que, de acordo com ela, é somente com a utilização do que foi memorizado que existe a possibilidade de melhorias no futuro. Aqui aparece o conceito de memória enquanto memorização, pois a análise dos fatos para realizar melhorias tem que ter o suporte do resgate do passado, do indivíduo e da sociedade. As melhorias futuras somente poderão ocorrer se a memorização ocorrer para que sejam resgatados os fatos e feitas análises no presente.

Da mesma forma, memória aqui não é entendida como um conceito epistemológico, e sim como capacidade humana para reter e reconhecer fatos. A memorização é importante para que a História possa desenvolver o potencial de evolução apresentado pela professora Bianca.

A professora Eva entende memória como memorização e afirma que “a memória é a base, a partir do momento que você memoriza, e eu explico muito bem para os meus alunos a diferença de aprender e memorizar”. Ela entende a memória

como o ato de memorizar. Ao relembrar qualquer informação, o aluno está mobilizando sua memória. Ela não entende o trabalho com o conceito memória de nenhuma forma diferente da associação memória-memorização. O aprendizado histórico, para ela, deve ser memorizado, assim, somente aprender não garante a capacidade de desenvolvimento do pensamento histórico.

Ao explicar o passado através da memorização, busca apresentar sempre explicações para entender o seu ponto de vista de maneira mais efetiva,

[...] Quando você memoriza, você tem uma senha que é igual a tua conta bancária, o teu msn, você digita aquela senha e está lá a rede social estampada. É mais fácil você memorizar um código e aquele código te leva àquele assunto e a aprendizagem seria num todo, a prática do dia-a-dia.

A explicação dada pela professora se aproxima das ideias apresentadas no texto “Educação Bancária e Educação Libertadora”, do educador brasileiro Paulo Freire (1997, p. 62). Nessa obra, publicada inicialmente em 1971, são discutidas questões relacionadas ao desenvolvimento da educação, que entendia o aluno como um receptáculo vazio para as informações dadas pelo professor, que era considerado o detentor do saber e o transmitia através do que ele chamou de narração,

[...] a narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos” tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. (FREIRE, 1997, p. 62).

A professora Eva afirma desenvolver estratégias de memorização que possibilitam relembrar códigos, pois, assim, os “explicando a matéria e colocando os códigos, vão memorizando os códigos e automaticamente eles vão ‘no’ assunto”. Assim, na fala da professora Eva, é possível ver a reedição da chamada “visão bancária da educação” que Paulo Freire contestou há mais de quarenta anos atrás, sendo que “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. O educador [...] será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem” (FREIRE, 1997, p. 62).

Ela explica que essa maneira de trabalhar a “memória” é gratificante, e assim “eles se interessam mais em memorizar e decorar códigos”. Quando a professora Eva fala sobre memória, em nenhum momento ela enfatiza a necessidade do desenvolvimento do conhecimento histórico na aprendizagem do aluno. A necessidade de aprender História está ligada a questões pragmáticas como o vestibular. E continua seu discurso sobre a memorização dando como exemplo os resultados obtidos pelos alunos nas provas de vestibular do ano de 2011,

[...] Há duas semanas eles tiveram vestibular, e o que é gratificante pra gente que é professor, em História no caso eles chegaram na segunda-feira e, por que teve o vestibular sábado e domingo, felizes, ‘professora, lembrei de você ontem, olha, aquilo que você ensinou,

que você falou, caiu, uma questão no vestibular, e eu lembrei daquilo que você explicou ou daquela História que você contou e eu lembrei e coloquei a resposta certa e acertei’.

E a professora Eva também relaciona a aprendizagem da História à apreensão do conteúdo. História é conteúdo e a memória, enquanto componente do conhecimento, não é levada em conta para a construção da aprendizagem, além do fato de ser relacionada a memorização, pois, se “você parte pro lado da memória é muito mais fácil do que você fazer com que o aluno aprenda, por que o aprender ele é muito extenso, ele é infinito, infinito!”.

Mas, em sua fala, apesar de defender o ensino da História, demonstra que a memória ou memorização não faz parte da aprendizagem. Então a memorização cumpre o mesmo papel da educação bancária criticada por Freire (1997), em que ela é a detentora do saber necessário e transmite ao aluno passivamente o conhecimento para ser bem sucedido na vida fora da escola.

O desenvolvimento da consciência histórica entendida como orientação temporal, que dá respostas as carências de orientação, não é pensado pela professora Eva quando discute a questão da memória entendida enquanto memorização. A memória responde a necessidades pedagógicas.

Alguns dos professores da pesquisa entendem a memória como sinônimo de memorização. Algumas considerações podem ser realizadas. Ao utilizar a memorização para o aprendizado em História, as ideias dos professores podem, em muitos aspectos, se aproximarem da teoria da educação bancária de Paulo Freire, em que os conhecimentos são apresentados pelo detentor do saber – o professor, e cabe ao aluno preservar os dados ensinados para futuras consultas. O resgate do que os professores chamaram de aprendizagem pela memorização se daria de acordo com as necessidades apresentadas no cotidiano escolar.

Essa ideia pode ser entendida como uma tentativa metodológica de ensinar História, não através da epistemologia de ciência histórica, mas por meio do uso de técnicas de ensino e de memorização que se mostraram eficazes e passíveis de repetição. Essas técnicas, segundo esses professores, dão certo e devem ser preservadas porque, segundo eles, ao memorizar, o aluno vai também aprender sobre os conteúdos da História.

Passado exemplar

Alguns professores apresentaram ideias sobre o passado consideradas como exemplares em uma relação direta com o presente. A perspectiva da consciência exemplar de Jörn Rüsen (2001) auxiliou o entendimento das ideias apresentadas por alguns professores.

O passado é significativo se estabelecer relações com fatos presentes. Essa relação tem características variadas, mas em grande parte das respostas o “voltar-se ao passado”, na perspectiva do professor, busca o aprendizado de lições para o presente, tanto no sentido de evitar erros como o preconceito, o machismo e a escravidão, como

promover a continuidade de fatores considerados positivos, como os ganhos com os direitos trabalhistas e de voto.

As ideias dos professores inseridos nesta categoria mostram que o passado tem um sentido porque tem relação com o presente. A professora Eliane afirma que “não tem como tentar interpretar e entender os fatos presentes, a atualidade sem você dar um pulinho lá nesse passado histórico para poder relacionar os fatos, perceber as mudanças, as permanências”.

A necessidade de compreensão do passado está presente na fala da professora Joaquina, “passado? Seria algo que aconteceu há muitos e muitos anos atrás. É como minha disciplina é História, eu tenho que trazer esse passado pra agora”.

A relação estabelecida com o passado se concentra na necessidade de entendimento do presente. O professor Cleber afirma “se nós não buscarmos a memória, o conhecimento, esta memória, esta lembrança do passado, como nós vamos entender o presente? Por quê acontece isso agora?”. A professora Gabriela estrutura sua narrativa apontando os sujeitos históricos inseridos no tempo,

[...] Para mim, o passado foi algo que realizado pelos sujeitos históricos em seus momentos, dependendo das condições de experiência de vida que tomou certas atitudes que, para nós, aconteceu em um momento anterior a esse, mas que está resultando no que nós somos hoje. [...] acho que sem essa compreensão do passado a gente não consegue interagir no presente, formular suas ações no presente sem analisar o que foi no passado, sem esse conhecimento se torna vazio o seu presente.

A professora Helena apresenta, em sua fala, a historicidade do sujeito no passado e segundo a sua afirmação, a compreensão do passado é necessária apesar da dificuldade de compreensão no presente,

[...] quando a gente estuda o passado, a História, você está vendo a ação dos homens. O que eles fizeram, como é que eles viviam, entender, procurar entender, porque às vezes é difícil, a gente às vezes tem essa mentalidade hoje, entender esse passado, quanto mais remoto, mais difícil fica.

Os professores também entendem que com estudo passado existe a possibilidade de tomar consciência dos atos cometidos para melhor posicionamento do sujeito na atualidade. Significa dizer que o passado deve ser conhecido para evitar a repetição de erros e proporcionar uma capacidade melhor de escolhas no presente. É o que afirma a professora Hortência, “bom, passado é muita coisa [...] passado é memória, passado é a origem, transformações, busca de respostas do presente, passado é muita coisa”.

O conhecimento do passado, para o professor Keirrisson, está relacionado a possibilidade de superação das desigualdades,

[...] a questão do voto em branco e o voto nulo é uma [questão]. Eu não estarei cumprindo com a minha cidadania, [...] nós não podemos deixar passar um momento de luta em que muitas pessoas fizeram para nós chegarmos aqui até os dias de hoje.

O passado e a noção de progresso se apresentam lado a lado. Para o professor Geraldo,

[...] a gente vive, motiva a vida através dos exemplos. E o passado é um exemplo. Quando eu tenho conhecimento dele, a motivação é tudo. [...] É, por exemplo, inclusive na vida pessoal. Quando você está diante de alguma situação que precisa ser resolvida, se você tem o exemplo de um fato acontecido semelhante, você é mais fácil para encontrar o caminho.

As respostas dos professores vão ao encontro das respostas encontradas na pesquisa de Peter Seixas (2000) que, na conclusão de sua pesquisa afirma que as narrativas escolares são apresentadas sempre com a presença de noções implícitas de progresso ou declínio. Isso foi observado na fala dos professores desta pesquisa.

Passado para orientação

Alguns professores apresentaram ideias que integram passado-presente-futuro na perspectiva que Jörn Rüsen apresenta sobre a necessidade de resolução das carências de orientação da vida prática. Os professores que apresentaram essas ideias entendem que a importância do estudo dos fatos passados está na perspectiva de conhecimento do presente e de planejamento do futuro. Esses professores dão significância ao passado na perspectiva de orientação no tempo apresentada por Rüsen (2001) e buscam no passado respostas as necessidades atuais, mas diferentemente dos professores que entendem o passado como exemplar, estabelecem uma perspectiva de futuro para seu pensamento.

Pensar historicamente tem um significado de orientar-se no tempo em uma relação que integra conhecimento do passado no tempo presente estabelecendo um horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006) para o futuro. Isso é o que afirma a professor Eva, “o passado é o alicerce nosso, pra você poder saber o presente e poder imaginar como será o futuro”.

A relação entre passado-presente-futuro pode também ser observada como uma tentativa de conhecer o passado para evitar erros e os professores integram a necessidade de que esse conhecimento seja utilizado para construir um horizonte de expectativas positivas para o futuro, como afirma o professor Gustavo,

[...] O passado é uma referência. Porque a gente procura fazer uma relação do presente com o passado aprendendo com esse passado, aquilo que tem de bom na História da humanidade e evitando o que há de ruim. Então, o passado serve, como se fosse duas vias, não só como exemplo nas coisas boas e, também, de exemplo para não se fazer coisas erradas. [...] o passado é um aprendizado para o futuro. Se você não consegue relativizar aquilo que aconteceu no passado, não consegue entender que esse passado tem que sempre estar em foco para você evitar os erros, não existe sentido.

O caráter de contribuição para a construção da consciência é apontado pela professora Bianca,

[...] porque a memória ela é o que guarda, o que está guardado dentro de ti ou da História, ou do contexto, enfim, e que faz você analisando para o futuro, fazendo melhorias, avanços e assim por diante. [...] Tudo faz parte da História, porque sempre está contribuindo, faz parte do passado que a gente está contribuindo para o futuro.

O significado do passado como orientador da consciência histórica está na fala do professor Iran, que afirma que a relação com o passado possibilita se posicionar no presente e pensar no futuro,

[...] A História é feita pelo ser humano. A História é feita pelo ser humano e, e quando você mostra o que o ser humano fez, é, e o que ele pode ainda fazer... isso possibilita [...] eu diria valorizar o presente [...] Valorizar o presente, rever o próprio passado e o construir o futuro. [...] Se eu conheço o passado, não só dos outros, mas se eu passo a pensar no meu passado, eu sou muito mais seguro das decisões que eu tomo, daquilo que eu pretendo da minha vida.

A professora Eliane afirma que o conhecimento e o entendimento do passado devem orientar as ações, pois o passado é

[...] fundamental para a compreensão do nosso presente. [...] E as mudanças futuras. Não tem como a gente passar uma borracha no nosso passado. Tem que fazer essa correlação, de entender e de relacionar os fatos para melhor compreensão e aprendizado.

O professor Iran utiliza a metáfora do mestre que ensina para se referir a importância que o passado tem para que os sujeitos respondam as suas carências de orientação,

[...] o passado ele, antes de tudo é mestre, o passado é mestre, ele te possibilita, aprender. Acho que você, se você no presente não pensar no passado, você não vive com intensidade e também não vai conseguir programar o teu futuro. Então acho que o passado é fundamental [...] isso é que a História tem que fazer também, além de nos mostrar o passado como um todo tem que fazer com que a gente olhe no nosso passado, e a partir dele construir o presente e o futuro.

Considerações finais

As seis categorias de entendimento da significância do passado apresentadas mostraram como os professores estabelecem relação com o passado a partir da epistemologia da História, mas que também se apropriam do que chamam passado prático para construir sua compreensão e estabelecer relações entre o presente, o passado e novamente o presente.

Os professores da pesquisa demonstraram que o conhecimento da epistemologia da ciência histórica é fator importante para que eles compreendam a relação que estabelecem com o passado. Essas ideias foram moldadas não somente pelo passado histórico, como afirmado nas obras de Oakeshott, mas também pela categoria de passado prático. O modo como os professores apresentaram explicações relacionadas ao seu entendimento do conceito de passado mostrou que articulam diferentes aspectos do conhecimento do passado para construir a concepção de História e de ensino-aprendizagem que explicitam.

A compreensão do passado pode auxiliar o entendimento da disciplina História segundo a afirmação de todos os professores. Desde o professor que apresentou a ideia de que o passado está no passado e deve ser estudado por ele mesmo até o professor que afirmou que o estudo dos fatos passados deve ser capaz de proporcionar a possibilidade de pensar o futuro, todos os participantes compreenderam o conceito de passado como fundamental para o conhecimento da História.

Para Coughlin (2002, p. 35), é impossível conhecer o ensino sem o professor, a prática sem o praticante e o conhecimento separado do conhecedor. Se o professor tiver clareza dos aspectos que considera significantes sobre o passado, este entendimento pode servir de auxílio para desenvolver metodologicamente um trabalho que considere as ideias prévias do aluno e possibilite a construção do seu conhecimento histórico.

Referências

- BLANCO NIETO, G. **El pensamiento del profesorado de Historia de secundaria**: aportaciones para una reconceptualización de los planes de formación. Tese (Doutorado em Didáctica de Ciencias Sociales) – Departamento de Nuevas Tecnologías para la Enseñanza Universitaria, Universidad de Extremadura, Badajoz, 1996.
- COUGHLIN, M. **“What Counts and Why? Exploring Historical Significance as Constructed by High School United States History Teachers**. 145 f. Tese. (doutorado em Educação) – Lynch Graduate School of Education, Boston College, Boston, 2002.
- KOSELLECK, R. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2006.
- LEE, P. Em direção a um conceito de literacia histórica: a escolha de recursos na aula de História. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 164, p. 131-150, 2006. Edição especial.
- _____. ‘Walking Backwards into Tomorrow’. **Historical Consciousness and Understanding History. International Journal of Historical Learning, Teaching and Research**, Londres, v. 4, n. 1, p. 1-46, 2004.
- LOWENTHAL, D. **Como conhecemos o passado**. Projeto História: Trabalhos da Memória. São Paulo: PUC, n. 17, 1989.
- _____. **El pasado es un país extraño**. Madri: Akal, 1998.
- OAKESHOTT, M. **Sobre a História**. Rio de Janeiro: Topbooks/Liberty Fund. 2003. 292 p.
- RÜSEN, J. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão (Trad. Marcos Roberto Kusnick). **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 07-16, p. 12. jul./dez. 2006.
- _____. **História viva**: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007a.
- _____. **Razão histórica**: teoria da história, fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.
- _____. **Reconstrução do conhecimento histórico**: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UNB, 2007b.
- SCHMIDT, M. A. M. S. **O significado do passado na aprendizagem da História**. UFPR, Curitiba, 06 maio 2010b. Anotações de aula.
- _____. **Trajatórias da investigação em didática da história no Brasil**: a experiência da Universidade Federal do Paraná. *Epistemología y Metodología de las Ciencias Sociales*, 2007, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.ub.es/histodidactica>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

SEIXAS, P. A **dialogue on narrative and historical consciousness**. Theorizing Historical Consciousness. Toronto, p. 202-211, 2004.

_____. Conceptualizing the Growth of Historical Understanding. In: OLSON, D. R.; TORRENCE, N. The Handbook of Education and Human Development. London: Blackwell, 1998. 816 p. p. 765-783.

Notas

¹ Este texto apresenta resultados da pesquisa de doutoramento, na Linha Cultura, Escola e Ensino, do PPGE da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a orientação da Professora Doutora Leilah Santiago Bufrem e com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica.

² Os sujeitos da pesquisa foram selecionados a partir da redução do universo total de 376 professores e atenderam a critérios que reduziram o seu número. Os critérios definidos foram que os sujeitos deveriam ser professores pertencentes ao Quadro Próprio do Magistério – QPM, formados em História, atuantes na disciplina de História no Ensino Médio por pelo menos dois anos e trabalhando em colégios da cidade de Curitiba, que responderam a questionário preliminar e foram entrevistados. Todos os critérios foram seguidos rigidamente e definidos a partir da pesquisa documental e empírica, o que permitiu a redução do universo de sujeitos da pesquisa.

³ As entrevistas semi estruturadas, enquanto opção metodológica, foram utilizadas para melhor esclarecimento de informações que foram coletadas durante o trabalho de pesquisa empírico anterior e serviram para que os sujeitos da pesquisa pudessem explicitar de forma mais clara suas ideias sobre passado.

* Professora doutora da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Correspondência

Rita de Cássia Gonçalves Pacheco dos Santos – Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós Graduação em Educação – PPGed. Rua Sydnei Antônio Rangel, 238, Santo Inácio, CEP: 82010330 – Curitiba, Paraná – Brasil.

E-mail: rita.santos@utp.br

Recebido em 08 de julho de 2015

Aprovado em 13 de agosto de 2015